



A CONTRIBUIÇÃO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA SOCIALIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA

Emilene Aparecida de Lima¹; Edna Salete Radigonda Delalíbera²

RESUMO: O presente estudo teve como objetivo discutir como a disciplina de Educação Física no contexto da escola especial, pode contribuir no processo de socialização do portador de autismo a partir da utilização do método Sherbone. Fundamentou-se a análise primeiramente nos teóricos que estudaram e estudam o autismo, buscando através dos mesmos apreender as características e necessidades inerentes a esta população. De maneira bastante simplificada pode-se dizer que o autismo infantil é uma síndrome definida por alterações presentes desde tenra idade e que se caracteriza pela presença de desvios na linguagem, na comunicação, no comportamento e, principalmente, nas relações interpessoais. Neste sentido, buscou-se, além do conhecimento sobre a atuação da Educação Física junto à Educação Especial, investigar mais profundamente sobre a atuação deste profissional com as crianças autistas, com foco específico na utilização do método Sherbone, levantando dados a respeito de sua utilização e aplicação, que permitissem a análise e discussão desta metodologia, na medida em que se considera que ela pode trazer grandes benefícios ao portador do autismo quanto ao seu desenvolvimento social. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico, a qual foi desenvolvida com base em materiais já elaborados, constituídos principalmente de livros e artigos científicos, tendo como método de análise o método dialético, visando trazer em suas discussões finais, engendradas pelos estudos efetuados, contribuições significativas aos diferentes profissionais que atuam junto a esta clientela, bem como propor que os currículos do curso de Educação Física incluam estes conteúdos, entendidos como essenciais, ao profissional desta área.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo Infantil; Educação Física; Socialização.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 40 do século passado Kanner (1956), médico austríaco, foi o primeiro a descrever o autismo infantil, relacionando-o com a esquizofrenia e afirmando que seu surgimento ocorre desde o início da vida da criança. Em sua descrição, apontava que as crianças apresentavam alheamento extremo já no início de suas vidas, não respondendo aos estímulos, vivendo “fora do mundo”. Considerava o autismo infantil, como um problema psicológico, frisando a necessidade de estudos decisivos para melhor compreensão do fenômeno a nível biológico, psicológico e social (SCHWARTZMAN, 1995).

¹ Acadêmica do curso de Educação Física, Centro Universitário de Maringá-CESUMAR. emilenilima@bol.com.br

² Professora Mestre do Cesumar-Departamento de Psicologia. ednasalete@cesumar.br.

Por muito tempo considerado como uma alteração psicodinâmica, o autismo infantil é hoje visto e compreendido, pela grande maioria dos autores, como tendo determinantes biológicos. Embora novos estudos e descobertas foram realizadas com esta população, pouco ainda se avançou quanto à possibilidade da criança autista poder incluir-se na sociedade, decorrente de vários fatores mas, principalmente devido às dificuldades de interação social (SCHWARTZMAN, 1995)

Para Mello (2004), a interação social de uma pessoa autista não é um empreendimento fácil, porque envolve a tarefa de colocar em um meio social não preparado uma pessoa que apresenta comportamentos estranhos e às vezes até bizarros, quando comparados aos da população na qual a criança está inserida e, desta forma, causa estranhamentos, olhares de medo ou repulsa, dentre outros, decorrentes do desconhecimento da própria síndrome, pois, embora tenha sido a pouco tempo veiculada informações na mídia sobre o autismo, não é comum encontrar uma criança autista participante do contexto social.

Neste sentido, entende-se que a Educação Física, como disciplina, pode atuar junto aos alunos que apresentam esta síndrome, realizando atividades coletivas ou individuais que potencializem a socialização e a interação social destes alunos, possibilitando-lhes o desenvolvimento da consciência corporal, a qual lhes permite a construção de si próprios como seres sociais inseridos no mundo. Esta dimensão de atuação da referida disciplina é dada a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação nº 9.394/96, que lhe confere um papel pedagógico formativo e informativo junto às crianças, jovens e adolescentes, em que o papel formativo diz respeito às contribuições relativas ao desenvolvimento físico, social e psicológico e o papel informativo refere-se à “transmissão e produção do conhecimento, vinculado ao objeto de estudo da área – o desenvolvimento humano” (OLIVEIRA, 2004).

Para atingir estas metas, alguns profissionais da área vêm utilizando com as crianças autistas o método Sherborne ou “*Relation Play*” como é também conhecido, o qual promove o desenvolvimento da capacidade de se relacionar com si próprio, com o outro e com o meio, além do autoconhecimento, da autoconfiança, da comunicação e da interação social pelo ensino do movimento (MELLO, 2004)

Esta metodologia, de acordo com Klinta (2001), constitui-se de uma série de movimentos criados por Verônica Sherborne, que desenvolveu seu trabalho inspirada em Rudolf Laban, o qual criava atividades a partir da dança, entendendo-a como uma expressão corporal que permite sensações agradáveis para quem a pratica, na medida em que favorece, entre outras possibilidades, o tocar e ser tocado.

Klinta (2001) destaca que o método Sherborne teve início na Suécia e atualmente já chegou a inúmeros países, da Europa ao Japão. Foi criado inicialmente com o objetivo de auxiliar crianças com dificuldades e deficiências específicas e, posteriormente, a partir da aplicação e dos resultados obtidos, interessados no assunto abriram novas áreas de estudo e atuação, sendo que, nos dias atuais, os exercícios e movimentos propostos pelo método contribuem para ajudar os mais variados grupos de pessoas, sejam eles portadores de necessidades especiais ou não, a atingirem um nível mais elevado de desenvolvimento corporal, trazendo-lhes uma vida mais saudável e segura.

De acordo com Mello (2004) a técnica de Sherborne pode não dar certo com todos os autistas, mas possibilita uma melhor interação entre eles e seus pais, familiares, educadores e pares, o que nem sempre é fácil de conseguir, o que faz desta técnica um valioso recurso para a obtenção deste objetivo.

Entre outros autores, Araújo (1999) afirma que as pessoas com deficiência têm direito à prática da Educação Física e dos desportos, na medida idêntica às pessoas consideradas “normais”. Neste sentido, cremos que crianças com autismo são beneficiadas grandemente com a prática da Educação Física, na medida em que a

mesma lhes garantirá o desenvolvimento global, sendo este entendido em seus aspectos afetivo, sensorial, motor e cognitivo.

Por outro lado, é fundamental que se destaque neste momento o conceito de socialização que fundamenta este trabalho, visto ser ele fundamental, no sentido de o mesmo estar inserido em uma concepção maior que enseja nossa pesquisa, qual seja, a visão de homem. Têm-se como pressupostos teórico-metodológicos a Teoria Histórico-Cultural, que entende o homem como um ser social e histórico, que se transforma e é transformado nas relações que estabelece com os outros homens e com a natureza, tendo o trabalho como a categoria principal que diferencia o homem dos outros animais (VYGOTSKI, 2001).

Um dos grandes nomes desta teoria é o russo Lev Semionovich Vigotski, que teve como seus seguidores, também russos, Alexander Romanovich Luria e Alex Leontiev. Vigotski (2001) defende que a aprendizagem promove o desenvolvimento e ela é um momento necessário e universal para que se desenvolvam na criança as características humanas, não naturais, mas formadas historicamente.

Entretanto, para que o desenvolvimento aconteça é fundamental que haja a mediação social, ou seja, que um adulto ou alguém que está em um nível mais avançado que a criança faça a mediação entre ela e o objeto a ser conhecido. Portanto, deixar uma criança em um ambiente repleto de estímulos não é suficiente para que ela se desenvolva.

Neste sentido Bock (2002), enfatiza que no processo de socialização, o indivíduo torna-se membro de um determinado conjunto social, aprendendo seus códigos, suas normas e regras básicas de relacionamento, apropriando-se do conjunto de conhecimentos já sistematizados e acumulados, mas para que isto se efetive é fundamental a mediação.

É, portanto, a partir destas concepções que destacamos como objeto de estudo da presente pesquisa levantar e discutir as contribuições da Educação Física, a partir da metodologia Sherbone, para o processo de socialização das crianças autistas.

2 MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento dos dados referente à presente pesquisa efetuou-se através de extensa revisão bibliográfica sobre o tema, com materiais já elaborados, artigos, revistas e livros, com recorte nos últimos seis anos (2000-2006), a qual subsidiou os construtos teórico-metodológicos que favoreceram a compreensão do tema.

3 DISCUSSÃO

A presente pesquisa encontra-se em fase final de levantamento bibliográfico para posteriormente se dar início à discussão, a qual objetiva enfatizar a importância da atuação do profissional da Educação Física junto aos alunos portadores da Síndrome do Autismo, tendo instrumento de trabalho o método Sherbone o qual ajuda a construir a consciência corporal e conseqüentemente promove o autoconhecimento, a capacidade de se relacionar com o meio e com as outras pessoas.

4 CONCLUSÃO

Pretende-se, a partir desta pesquisa, trazer contribuições significativas aos diferentes profissionais que atuam junto à crianças portadoras de autismo infantil. Além disso, considera-se relevante propor que o curso de Educação Física inclua em seu currículo temas relativos à atuação do professor com crianças e adultos autistas, promovendo o aprendizado e vivências do método Sherbone em seus conteúdos, entendidos como essenciais à formação do profissional.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P.F. **A educação física para pessoas portadoras de deficiências nas instituições especializadas de Campinas**. Campinas/São Paulo: Unicamp, 1999.

BOCK, A, M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

MELLO, A. M. S. R. **Autismo**: guia prático. 4.ed. Brasília: Corde, 2004.

OLIVEIRA, A. A. B. Planejando a educação física escolar. In: VIEIRA, J.L.L. **Educação física e esportes**: estudos e proposições. Maringá/Paraná: Eduem, 2004.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHWARTZMAN, J. S.; ASUMPÇÃO, J. F. **Autismo Infantil**. São Paulo: Memnon, 1995.

SCHWARTZMAN, J. S. **Autismo Infantil**. Brasília: Corde, 1994.

VYGOTSKI, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.